

Manoel de Barros



LIVRO
SOBRE
NADA



Manoel de Barros

LIVRO
SOBRE
NADA

Ilustrações de Wega Nery

3ª EDIÇÃO

B869.1

B277L

1996



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

SUMÁRIO

Arte de infantilizar formigas

9

Desejar ser

35

O livro sobre nada

65

Os Outros: o melhor de mim sou Eles

73

Pretexto

O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada. Foi o que escreveu Flaubert a uma sua amiga em 1852. Li nas *Cartas exemplares* organizadas por Duda Machado. Ali se vê que o nada de Flaubert não seria o nada existencial, o nada metafísico. Ele queria o livro que não tem quase tema e se sustente só pelo estilo. Mas o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora.

Iª PARTE

Arte de infantilizar formigas



I.

As coisas tinham para nós uma desutilidade poética.

Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso
dessaber.

A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos
com palavras.

O truque era só virar bocó.

Como dizer: Eu pendurei um bentevi no sol...

O que disse Bugrinha: Por dentro de nossa casa passava
um rio inventado.

O que nosso avô falou: O olho do gafanhoto é sem
princípios.

Mano Preto perguntava: Será que fizeram o beija-flor
diminuído só para ele voar parado?

As distâncias somavam a gente para menos.

O pai campeava campeava.

A mãe fazia velas.

Meu irmão cangava sapos.

Bugrinha batia com uma vara no corpo do sapo e ele
virava uma pedra.

Fazia de conta?

Ela era acrescentada de garças concluídas.

2.

O pai morava no fim de um lugar.
Aqui é lacuna de gente — ele falou:
Só quase que tem bicho andorinha e árvore.
Quem aperta o botão do amanhecer é o arãquã.
Um dia apareceu por lá um doutor formado: cheio de
suspensórios e ademanes.
Na beira dos brejos gaviões-caranguejeiros comiam
caranguejos.
E era mesma a distância entre as rãs e a relva.
A gente brincava com terra.
O doutor apareceu. Disse: Precisam de tomar anqui-
lostomina.
Perto de nós sempre havia uma espera de rolinhas.
O doutor espantou as rolinhas.

3.

À mesa o doutor perorou: Vocês é que são felizes porque moram neste Empíreo.

Meu pai cuspiu o *empíreo* de lado.

O doutor falava bobagens conspícuas.

Mano Preto aproveitou: Grilo é um ser imprestável para o silêncio.

Mano Preto não tinha entidade pessoal, só coisal.

(Seria um defeito de Deus?)

A gente falava bobagens de à brinca, mas o doutor falava de à vera.

O pai desbrincou de nós:

Só o obscuro nos cintila.

Bugrinha boquiabriu-se.

4.

Apenas de mês em mês aparecia uma carreta de mascate, puxada por 4 juntas de bois no fim daquele lugar. Levava caramelos, bolachinhas, pentes, argolas para laço, extrato Micravel, peças de algodoin para fazer saia branca, filó de mosqueteiro, vidros de arnica para curar machucaduras, brincos de peschibeque, — essas coisinhas sem santidade...

Nossa mãe comprava arnica e bolachinhas.

Dona Maria, mulher do Lara, comprava brincos e extrato Micravel.

Meu avô abastecia o abandono.

De tudo haveria de ficar para nós um sentimento longínquo de coisa esquecida na terra —

Como um lápis numa península.

5.

O menino de ontem me plange.

6.

Depois de ter entrado para rã, para árvore, para pedra
— meu avô começou a dar germínios.

Queria ter filhos com uma árvore.

Sonhava de pegar um casal de lobisomem para ir
vender na cidade.

Meu avô ampliava a solidão.

No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do
quintal: Meus filhos, o dia já envelheceu,¹ entrem pra
dentro.

Um lagarto atravessou meu olho e entrou para o mato.
Se diz que o lagarto entrou nas folhas, que folhou.

¹ *Aí a nossa mãe deu entidade pessoal ao dia. Ela deu ser ao dia. E ele envelheceu como um homem envelhece. Talvez fosse a maneira que a mãe encontrou para aumentar as pessoas daquele lugar que era lacuna de gente.*

7.

Meu irmão veio correndo mostrar um brinquedo que inventara com palavras. Era assim:

Besouros não trepam no abstrato.

8.

Catre-Velho é um traste pessoal à-toa.

Nossa mãe falava:

Não vale um cabelo.

Não serve nem pra remendo.

Só presta pra cantar e tocar violão.

Catre-Velho ensinava: A voz de um cantador tem que chegar a traste para ter grandezas...

Ele tinha uma voz de harpas destroçadas.

9.

Nos fundos da cozinha meu avô tentou cortar o phalo
com o lado grosso da faca.

Não cortou.

Ia pinchar aos urubus.

Não pinchou.

Bem antes, em 1922, na Vila do Livramento, onde
nascera, meu avô apregoava urinóis enferrujados.

Ele subia no Coreto do Jardim:

Olha o urinol enferrujado.

Serve para o desuso pessoal de cada um.

Já pertenceu de Dona Angida do Cocais, senhora de
nobrementes.

É barato e inútil.

Quem se abastece?

Meu avô sabia o valor das coisas imprestáveis.

Seria um autodidata?

Era o próprio indizível pessoal.

10.

Diário de Bugrinha (excertos)

1925

22.1

O nome de um passarinho que vive no cisco é joão-ninguém. Ele parece com Bernardo.

23.2

Lagartixas têm odor verde.

2.3

Formiga é um ser tão pequeno que não agüenta nem neblina. Bernardo me ensinou: Para infantilizar formigas é só pingar um pouquinho de água no coração delas. Achei fácil.

23.2

Quem ama exerce Deus — a mãe disse. Uma açucena me ama. Uma açucena exerce Deus?

2.3

Eu queria crescer pra passarinho...

5.3

A voz de meu avô arfa. Estava com um livro debaixo dos olhos. Vô! o livro está de cabeça pra baixo. Estou deslendo.

5.6

O frio se encolheu nos passarinhos. Ó noite congelada de jacintos! Eu estou transida de pétalas.

7.8

O pai trouxe do campo um filhote de urubu.
Ele é branco e já fede.

12.8

As garças descem nos brejos que nem brisas.
Todas as manhãs.

10.9

Um sapo feneceu 3 borboletas de uma vez atrás de casa. Ele fazia uma estultícia?

13.9

A mãe bateu no Mano Preto. Falou que eu não apanhava porque não dei motivo. Subi no pico do telhado para dar motivo. Aqui de cima do telhado a lua prateava. A mãe disse que aquilo não era motivo.

19.9

Uma égua iniciava meu irmão. O pai ralhou com ele. Meu irmão foi entrando para inseto até desaparecer. Ficou dentro do mato até amanhã.

1.10

Bernardo fala com pedra, fala com nada, fala com árvore. As plantas querem o corpo dele para crescer por sobre. Passarinho já faz poleiro na sua cabeça.

11.11

A mãe disse que Bernardo é bocó. Uma pessoa sem pensa.

5.2

Sem chuvas, já reparei, as andorinhas perdem o poder de voar livres.

29.2

Hoje o Lara morreu picado de cobra. Fizeram seu caixão de costaneiras. Meu avô encostou no caixão. Ué, eu que morri e quem está no caixão é o Lara! Meu avô enxergava mal.

2.1.1926

Catre-Velho é um ser confortável para moscas. Ele nem espanta algumas.

12.1

Choveu de noite até encostar em mim. O rio deve estar mais gordo. Escutei um perfume de sol nas águas.

1.3

As árvores me começam.

1.4

Uma violeta me pensou. Me encostei no azul de sua tarde.

10.4

Os patos prolongam meu olhar... Quando passam levando a tarde para longe eu acompanho...

21.4

Pensar que a gente cessa é íngreme. Minha alegria ficou sem voz.

22.4

Hoje completei 10 anos. Fabriquei um brinquedo com palavras. Minha mãe gostou. É assim:

De noite o silêncio estica os lírios.

FIM

2ª PARTE

Desejar ser



*O maior apetite do homem é
desejar ser. Se os olhos vêem
com amor o que não é, tem ser.*

Padre Antônio Vieira
em PAIXÕES HUMANAS

I.

Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.

2.

Prefiro as linhas tortas, como Deus. Em menino eu sonhava de ter uma perna mais curta (Só pra poder andar torto). Eu via o velho farmacêutico de tarde, a subir a ladeira do beco, torto e deserto... toc ploc toc ploc. Ele era um destaque.

Se eu tivesse uma perna mais curta, todo mundo haveria de olhar para mim: lá vai o menino torto subindo a ladeira do beco toc ploc toc ploc.

Eu seria um destaque. A própria sagração do Eu.

3.

Não é por me gavar

mas eu não tenho esplendor.

Sou referente pra ferrugem

mais do que referente pra fulgor.

Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário.

O que presta não tem confirmação,

o que não presta, tem.

Não serei mais um pobre diabo que sofre de nobrezas.

Só as coisas rasteiras me celestam.

Eu tenho cacoete pra vadio.

As violetas me imensam.

4.

Escrevo o idioleto manaelês archaico¹ (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável do que o solene. (Para limpar das palavras alguma solenidade — uso bosta.) Sou muito higiênico. E pois. O que ponho de cerebral nos meus escritos é apenas uma vigilância pra não cair na tentação de me achar menos tolo que os outros. Sou bem conceituado para parvo. Disso forneço certidão.

¹ *Falar em archaico: aprecio uma desviação ortográfica para o archaico. Estâmago por estômago. Celeusma por celeuma. Seja este um gosto que vem de detrás. Das minhas memórias fósseis. Ouvir estâmago produz uma ressonância atávica dentro de mim. Coisa que sonha de retravés.*

5.

Sou um sujeito cheio de recantos.

Os desvãos me constam.

Tem hora leio avencas.

Tem hora, Proust.

Ouço aves e beethovens.

Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin.

O dia vai morrer aberto em mim.

6.

Carrego meus primórdios num andor.
Minha voz tem um vício de fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao criancamento das palavras.
Lá onde elas ainda urinam na perna.
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
Quando a criança garatuja o verbo para falar o que
não tem.
Pegar no estame do som.
Ser a voz de um lagarto escurecido.
Abrir um descortínio para o arcano.

7.

Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras.

Sou formado em desencontros.

A sensatez me absurda.

Os delírios verbais me terapeutam.

Posso dar alegria ao esgoto (palavra aceita tudo).

(E sei de Baudelaire que passou muitos meses tenso porque não encontrava um título para os seus poemas.

Um título que harmonizasse os seus conflitos. Até que apareceu *Flores do mal*. A beleza e a dor. Essa antítese o acalmou.)

As antíteses congraçam.

8.

Nasci para administrar o à-toa
o em vão
o inútil.

Pertenço de fazer imagens.

Opero por semelhanças.

Retiro semelhanças de pessoas com árvores
de pessoas com rãs
de pessoas com pedras
etc etc.

Retiro semelhanças de árvores comigo.

Não tenho habilidade pra clarezas.

Preciso de obter sabedoria vegetal.

(Sabedoria vegetal é receber com naturalidade uma rã
no talo.)

E quando esteja apropriado para pedra, terei também
sabedoria mineral.

9.

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um
sabiá

mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem

nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de
adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

10.

Mosca dependurada na beira de um ralo —
Acho mais importante do que uma jóia pendente.

Os pequenos invólucros para múmias de passarinhos
que os antigos egípcios faziam
Acho mais importante do que o sarcófago de Tutan-
câmon.

O homem que deixou a vida por se sentir um esgoto —
Acho mais importante do que uma Usina Nuclear.
Aliás, o cu de uma formiga é também muito mais
importante do que uma Usina Nuclear.

As coisas que não têm dimensões são muito impor-
tantes.

Assim, o pássaro *tu-you-you* é mais importante por seus
pronomes do que por seu tamanho de crescer.

É no ínfimo que eu vejo a exuberância.

II.

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar:
quando cheias de areia de formiga e musgo — elas
podem um dia milagrar de flores.

(Os objetos sem função têm muito apego pelo abandono.)

Também as latrinas desprezadas que servem para ter
grilos dentro — elas podem um dia milagrar violetas.

(Eu sou beato em violetas.)

Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam
a Deus.

Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!

(O abandono me protege.)

I2.

Vi um prego do Século XIII, enterrado até o meio numa parede de 3x4, branca, na XXIII Bienal de Artes Plásticas de São Paulo, em 1994.

Meditei um pouco sobre o prego.

O que restou por decidir foi: se o objeto enferrujado seria mesmo do Século XIII ou do XII?

Era um prego sozinho e indiscutível.

Podia ser um anúncio de solidão.

Prego é uma coisa indiscutível.

13.

Venho de nobres que empobreceram.

Restou-me por fortuna a soberbia.

Com esta doença de grandezas:

Hei de monumentar os insetos!

(Cristo monumentou a Humildade quando beijou os
pés dos seus discípulos.

São Francisco monumentou as aves.

Vieira, os peixes.

Shakespeare, o Amor, A Dúvida, os tolos.

Charles Chaplin monumentou os vagabundos.)

Com esta mania de grandeza:

Hei de monumentar as pobres coisas do chão mijadas
de orvalho.

I4.

O que não sei fazer desmancho em frases.

Eu fiz o nada aparecer.

(Represente que o homem é um poço escuro.

Aqui de cima não se vê nada.

Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver
o nada.)

Perder o nada é um empobrecimento.

FIM

3ª PARTE

O livro sobre nada



•

É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez.

•

Tudo que não invento é falso.

•

Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.

•

Tem mais presença em mim o que me falta.

•

Melhor jeito que achei para me conhecer foi fazendo o contrário.

•

Sou muito preparado de conflitos.

•

Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.

•
O meu amanhecer vai ser de noite.

•
Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar
noção.

•
O que sustenta a encantação de um verso (além do
ritmo) é o ilogismo.

•
Meu avesso é mais visível do que um poste.

•
Sábio é o que adivinha.

•
Para ter mais certezas tenho que me saber de im-
perfeições.

•
A inércia é meu ato principal.

•
Não saio de dentro de mim nem pra pescar.

•

Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore.

•

Estilo é um modelo anormal de expressão: é estigma.

•

Peixe não tem honras nem horizontes.

•

Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada;
mas quando não desejo contar nada, faço poesia.

•

Eu queria ser lido pelas pedras.

•

As palavras me escondem sem cuidado.

•

Aonde eu não estou as palavras me acham.

•

Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que
são inventadas.

•

Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja.

•

A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.

•

Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos.

•

Esta tarefa de cessar é que puxa minhas frases para antes de mim.

•

Ateu é uma pessoa capaz de provar cientificamente que não é nada. Só se compara aos santos. Os santos querem ser os vermes de Deus.

•

Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade.

•

O artista é um erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito.

•
Por pudor sou impuro.

•
O branco me corrompe.

•
Não gosto de palavra acostumada.

•
A minha diferença é sempre menos.

•
Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo
para ser séria.

•
Não preciso do fim para chegar.

•
Do lugar onde estou já fui embora.

FIM

4ª PARTE

Os Outros: o melhor de mim sou Eles



Nota: Um tempo antes de conhecer Picasso, eu tinha visto na aldeia boliviana de Chiquitos, perto de Corumbá, uma pintura meio primitiva de Rômulo Quiroga. Era um artista iluminado e um ser obscuro. Ele mesmo inventava as suas tintas. Trazia dos cerrados: seiva de casca de angico (era o seu vermelho); caldos de lagartas (era o seu verde); polpa de jatobá maduro (era o seu amarelo). Usava pocas de piranha derretidas para dar liga aos seus pigmentos. Pintava sobre sacos de aniagem. Mostrou-me um ancião de cara verde que havia pintado. Eu disse: mas verde não é a cor da esperança? Como pode estar em rosto de ancião? A minha cor é psíquica — ele disse. E as formas incorporantes. Lembrei que Picasso depois de ver as formas bisônticas na África, rompeu com as formas naturais, com os efeitos de luz natural, com os conceitos de espaço e de perspectiva, etc etc. E depois quebrou planos, ao lado de Braque, propôs a simultaneidade das visões, a cor psíquica e as formas incorporantes. Agora penso em Rômulo Quiroga. Ele foi apenas e só uma paz na terra. Mas eu vi latejar rudemente nos seus traços milagres de Klee. Salvo não seja.

As lições de R. Q.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar — como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar.

Até já inventei mulher de 7 peitos para fazer vaginação comigo.

Mário revisitado

Mário-pega-sapo, de noite, abria em casa todos os sapos que pegava durante o dia em banhados, nos barrancos, nos monturos, nos porões, nos terrenos baldios, debaixo de caixas d'água.

Abria um por um de canivete os sapos para ler nas entranhas deles o seu futuro (do Mário).

Eu pensava que aquele Mário-pega-sapo fosse um descendente dos arúspices (sacerdotes romanos que adivinhavam o futuro remexendo no altar as entranhas de seus inimigos).

Em todos os velórios da cidade Mário se compungia como se fosse o dono do defunto. Seria uma transferência?

Tentei descobrir na alma de Mário alguma coisa mais profunda do que não saber nada sobre as coisas profundas.

Consegui não descobrir.

¹ Nota: Conheci o Antônio Ninguém através do grande poeta brasileiro Douglas Diegues.

Elegia de Seo Antônio Ninguém¹

Sou um sujeito desacontecido
rolando borra abaixo como bosta de cobra.
Fui relatado no capítulo da borra.
Em aba de chapéu velho só nasce flor taciturna.
Tudo é noite no meu canto.
(Tinha a voz encostada no escuro. Falava putamente.)
Estou sem eternidades.
Não tenho mais cupidez.
Ando cheio de lodo pelas juntas como os velhos navios
naufragados.
Não sirvo mais pra pessoa.
Sou uma ruína concupiscente.
Crescem ortigas sobre meus ombros.
Nascem goteiras por todo canto.
Entram morcegos aranhas gafanhotos na minha alma.
Nos lepramentos dos rebocos dormem baratas torvas.
Falo sem alamares.
Meu olhar tem odor de extinção.
Tenho abandonos por dentro e por fora.
Meu desnome é Antônio Ninguém.
Eu pareço com nada parecido.

Um filósofo de beco

Bola-Sete é filósofo de beco.

Marimbondo faz casa no seu grenho — ele nem zine.

Eu queria fazer a biografia do orvalho — me disse.

E dos becos também.

É preciso refazer os becos, Senhor!

O beco é uma instituição que une o escuro do homem com a indigência do lugar.

O beco é um lugar que eleva o homem até o seu melhor aniquilamento.

Um anspeçada, amigo meu, de aspecto moscal, só encontrou a salvação nos becos.

Antoninha-me-leva era Eminência nos becos de Corumbá.

Senhor, quem encherá os bolsos de guimbas, de tampinhas de cerveja, de vidrinhos de guardar moscas — senão os tontos de beco?

E quem levará para casa todos os dias de tarde a mesma solidão — senão os doidos de beco?

(Algum doido de beco me descende?)

A.B. do R.

Arthur Bispo do Rosário se proclamava Jesus. Sua obra era ardente de restos: estandartes podres, lençóis encardidos, botões cariados, objetos mumificados, fardões da Academia, Miss Brasil, suspensórios de doutores — coisas apropriadas ao abandono. Descobri entre seus objetos um buquê de pedras com flor. Esse Arthur Bispo do Rosário acreditava em nada e em Deus.

¹ *Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz, etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntes como as parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar.*

O andarilho

Eu já disse quem sou Ele.
Meu desnome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beiras de rios conchosos.
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)
Não tenho pretensões de conquistar a inglória perfeita.
Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento.
Meus rumos não têm termômetro.
De tarde arborizo pássaros.
De noite os sapos me pulam.
Não tenho carne de água.
Eu pertenço de andar atoamente.
Não tive estudamento de tomos.
Só conheço as ciências que analfabetam.
Todas as coisas têm ser?¹
Sou um sujeito remoto.
Aromas de jacintos me infinitam.
E estes ermos me somam.

ISBN 85-01-04691-4

04691/2



9 788501 046918



MANOEL DE BARRON